



GT 43. Etnografias da deficiência

Coordenador(es):

Adriana Abreu Magalhães Dias (UNICAMP)

Fagner Carniel (UEM - Universidade Estadual de Maringá)

Sessão 1 - Objetivações Corporalizadas e Deslocamentos Epistêmicos

Debatedor/a: Pedro Lopes (ESCOLA DA CIDADE - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo)

Sessão 2 - Movimentações e mutações no ativismo da Deficiência

Debatedor/a: Nádia Elisa Meinerz (UFAL - Universidade Federal de Alagoas)

Sessão 3 - Limites e Impasses nas Políticas Públicas

Debatedor/a: Natan Monsores de Sá (UNB - Universidade de Brasília)

O presente GT apresenta a temática da deficiência como uma experiência multidimensional e impulsionadora de inúmeros desafios de análise, e aceitaremos trabalhos sobre as relações entre deficiência e doenças raras e temas como classe, gênero, raça, ciclo de vida, condição de trabalho, cuidado, vida autônoma e interdições, de modo a refletir as variadas "narrativas da deficiência" e processos classificatórios. Serão, ainda, aceitos trabalhos sobre movimentos por políticas públicas para pessoas com deficiência e doenças raras nos temas de mercado de trabalho, educação, saúde, assistência social, serviços de apoio, incluindo assistentes pessoais, intérpretes de língua de sinais, entre outros. Gostaríamos, ainda, de receber reflexões sobre algumas provocações: a primeira se detém na discussão se a deficiência deve ser apenas objeto de estudo da Antropologia, ou sujeito dela. Privilegia-se nesse debate os trabalhos de pesquisadores/as com deficiência e/ou suas experiências de campo. A segunda refere-se à questão do desejo, seminal para enfrentar a negatividade histórica em torno do tema, haja vista a potência perturbadora, desestabilizadora e agitadora da categoria deficiência para a pesquisa e produção teórica. A terceira provocação diz respeito à questão Ontológica, e as relações entre o tema e outros como animais (ex. equoterapia, cães de trabalho e suporte), objetos (cadeiras de rodas, bengalas, pulmões de aço), tecnologias (fala computadorizada, smartphones), linguagens.

Acessibilidade enquanto método: reflexões qualitativas

Autoria: Natália Maria Alves Machado (UNB - Universidade de Brasília), Bruno Araújo Lopes (UnB)

Sob o horizonte de análises contemporâneas em Ciências Sociais em que processos recentes de democratização do Ensino Superior transformaram também temáticas (do ponto de vista dos marcadores sociais da diferença e da desigualdade), modos de fazer e os modos em que a teoria é apreendida, empregada e produzida, pode-se afirmar que Estudos da Deficiência, Estudos desde a Deficiência e Estudos para a Deficiência, estão em um momento de singular visibilidade enquanto tema, apesar de podermos considerar visibilidade algo tardia em relação ao processo dos Disability Studies internacionalmente (digo especialmente empolgado, enquanto antropólogo negro, um dos autores aqui e parceiro da outra, uma antropóloga PCD que diversas vezes me possibilita também enquanto assistente acadêmico para co-criar os processos acessíveis e a inteligibilidade deslocada). Enquanto antropóloga negra e pessoa com deficiência (outra autora da presente proposta), percebo clima favorável para temas outrora atípicos e novidades em experimentação metodológica, apesar de em antropologia termos um cabedal já familiar em termos de inovação e abordagens disciplinares transfronteiriças (sob a ampla contribuição dos Estudos Culturais, Estudos Feministas, Etnologia Indígena, Estudos Africanos, Pensamento Negro, entre outros). Assim sendo, as



possibilidades e limites de minha experiência enquanto intelectual PCD, que também se confundem com pleitos e advocacy por direitos na deficiência e cultura de acessibilidade, no momento trazem reflexões profundamente epistemológicas, metodológicas e certamente etnográficas, pois, as medidas muitas vezes contra-culturais e com demasiado custo pessoal uma vez as ausências estruturais para com a população corpo-diversa, além de desafios fornecem também outras formas de perceber problemas, processar fisio-cognitivamente e simbolicamente premissas, expressar entre a técnica, a arte, o desejo, o transe (em que nos ocorre Donna Haraway), resultados muitas vezes ?à margem? (diverso do sentido malinowiskiano) do que possa ser registrado e transmitido, também em processos coletivos de produção e estratégias de autoria, difusão e memória.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: